

RESENHA

PIERRE BOURDIEU: UMA VISÃO AGONÍSTICA DO MUNDO CIENTÍFICO

Daiane Carnelos Resende⁷⁷Roberta Carnelos Resende⁷⁸

BOURDIEU, P. (1976). Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol.2, n° 2-3, pp. 88-104.

Se considerarmos uma divisão teórica dual do pensamento clássico e contemporâneo, baseada na posição epistemológica assumida pelo pesquisador quanto à questão da neutralidade axiológica, têm-se, de um lado, as análises objetivistas, holistas e macrosociológicas, e de outro, subjetivistas, individualistas e microsociológicas (PETERS, 2006). O cenário sociológico que precedeu o período pós-guerra até meados da década de 1960 foi dominado principalmente pelo funcionalismo estrutural de Talcott Parsons e outras correntes estadunidenses, ou seja, por análises mais objetivistas. Os conflitos internacionais, com destaque para a Guerra do Vietnã, o surgimento de novos movimentos sociais, o maio de 68 na França, o distanciamento crescente entre países ricos e pobres, o desmonte do Estado do Bem-Estar Social e a abertura para a intromissão ideológica do neoliberalismo (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 1999), entre outros acontecimentos, influenciaram a reorientação do pensamento social, que passaram a ter no centro das análises a mudança e o conflito social, e nesse sentido, as explicações funcionalistas já não eram mais suficientes.

Na França, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela intensidade da crítica social, e é nesse contexto que o pensamento de Pierre Bourdieu (1930-2002) se insere. Sua sociologia crítica é reconhecida, como salienta Domingues (2001, p.59 e 60), pelo inegável mérito de ter sintetizado tantas correntes em sua teoria, e por ter também pretendido resolver o problema das análises objetivistas e subjetivistas⁷⁹. Em relação à corrente de pensamento a qual o autor se insere, inicialmente, auto-denominou sua teoria de construcionismo-estruturalista, mas posteriormente

⁷⁷ Doutoranda em Sociologia- UFPR

⁷⁸ Doutoranda em Ciência Política- UFRGS

⁷⁹ Embora o autor já houvesse apresentado sua tentativa de transcender a bipolaridade dos erros objetivista e subjetivista ainda no início dos anos 70, foi apenas nos anos 80, com a acentuação das limitações dessas duas perspectivas, que observou-se a emergência de um novo movimento teórico (construtivismo), que buscava superar de maneira sistemática a oposição entre micro e macrosociologia, entre outras relações dicotômicas, que dividiu a sociologia pós-parsoniana desde o pós-guerra, e influenciou as novas sociologias francesas (VANDENBERGHE, 2006).

afirmou ser mais coerente a denominação inversa (estruturalista-construcionista), para expressar a articulação dialética entre as estruturas mentais e estruturas sociais, ou ainda a dialética entre o objetivismo e subjetivismo em sua teoria. Estruturalismo no sentido de que existe no mundo social, e não somente no simbólico, estruturas objetivas capazes de coagir as práticas e representações dos indivíduos, e construcionismo no sentido de haver uma gênese social do habitus de um lado, e de outro as estruturas sociais, os campos (BOURDIEU, 1990, p.149).

Bourdieu (1990) define habitus como o sistema de disposições duráveis e socialmente constituídas que, incorporado pelo(s) agente(s), orientam e oferecem significado às suas ações e representações. É uma estrutura estruturada e estruturante que faz a mediação entre as estruturas sociais e as práticas individuais, ultrapassando o nível da consciência. Já campo é um espaço estruturado de posições cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes, mas de alguma maneira determinadas por elas. (BOURDIEU, 1977). Desse modo, a ideia de campo constitui-se no momento determinista e objetivista de sua análise, enquanto o habitus constitui-se no momento subjetivista e genético.

Entre os anos de 1966 e 1972⁸⁰, Bourdieu construiu o que viria ser o núcleo duro de sua teoria, o desenvolvimento de uma “grande teoria” total e supersofisticada do mundo social, religando as noções de campo, habitus e violência simbólica, capaz de eliminar a antinomia da ação e estrutura, em uma teoria construtivista neo-objetivista das práticas de reproduções sociais. Tal antinomia foi resolvida com a ideia de habitus, que atua como “operador teórico”, fazendo a ligação entre o sistema invisível das relações estruturadas formadoras do campo e as ações e interações visíveis dos atores (VANDENBERGHE, 2006). O texto “Le champ scientifique”, escrito em 1976, constitui-se principalmente em uma aplicação do conceito de campo ao mundo científico e se insere nesse esforço de aplicação do instrumental teórico que Bourdieu formulou ao longo desse período formativo.

O objetivo do texto “Le champ scientifique” de Pierre Bourdieu é demonstrar que o campo científico, aparentemente puro e desinteressado, possui as características gerais de qualquer outro campo social, sendo um espaço de lutas pelo monopólio do capital específico pertinente ao campo,

⁸⁰ Nas décadas de 1960 e 1970 destaca-se seus estudos sobre a Argélia (Sociologia da Argélia, 1958; Argélia ano 60, 1977; *Le Déracinement*, 1964; Trabalho e trabalhadores na Argélia, 1963). É também ao longo da década de 70 que Bourdieu preparou os textos que viriam a compor uma de suas principais obras: “A distinção”, publicada em 1979, em que expõe duas ideias centrais e originais: as relações de poder como categoria de dominação são analisadas pela metáfora do capital cultural no qual se apóia o princípio de reprodução social; o entrecruzamento das relações de poder com as várias formas de ações organizadas favorece a capacidade dos indivíduos para elaborar estratégias que, todavia, não ultrapassam as relações de desigualdades sociais (Vasconcellos, 2002).

neste caso a autoridade científica - que pode ser acumulada, transmitida e também reconvertida em outras espécies e que deve ser analisada a partir de uma dimensão política, resultante dos conflitos pela dominação do campo, e de determinações intelectuais -, mas com a característica de que os clientes de seus produtores são também seus concorrentes, e que por isso, são menos inclinados a aceitarem seus produtos sem examinar e discutir seu valor científico.

Para tanto, Bourdieu organiza o trabalho em seis seções: “la lutte pour le monopole de la compétence scientifique” apresenta a estrutura do campo, enfatizando os interesses que estão em jogo e afirmando que toda escolha científica é também estratégia política; “l’accumulation du capital scientifique” revela como se organiza a disputa pela autoridade científica, visualizada principalmente sob a forma de reconhecimento e prestígio; “capital scientifique et propension à investir” argumenta que os investimentos no campo são orientados pela posição do agente e pelo seu capital atual e potencial de reconhecimento; “l’ordre (scientifique) établi” explica a maneira pela qual a estrutura da distribuição específica do reconhecimento científico influencia na luta científica e política pela legitimidade, contrapondo as estratégias de conservação às estratégias de subversão; “de la révolution inaugurale à la révolution permanente” pretende debater quais são as condições sociais necessárias para que se tenha um jogo social onde prevaleça a verdade ou a ideia verdadeira da ciência; e, por fim, em “la science et les doxosophes”, o autor apresenta uma crítica à sociologia oficial, diferenciando os campos científicos dos campos de produção de discursos eruditos.

A estrutura do campo científico é definida pelas relações de força entre os agentes ou instituições, ou ainda, pela estrutura de distribuição do capital específico oriundo de lutas anteriores e objetivado nas instituições e incorporado nas disposições que orientam as estratégias. Esta estrutura de distribuição está na base das transformações do campo científico e se manifesta por meio de estratégias de conservação ou de subversão da estrutura produzida por ela mesma. O conjunto de estratégias anteriores de cada agente e de seus concorrentes determina a posição que os mesmos ocupam na estrutura do campo, e os investimentos dos pesquisadores dependem de sua posição atual e potencial no campo, bem como da importância de seu capital atual e potencial de reconhecimento.

Bourdieu enfatiza a existência de uma hierarquia social dos campos científicos, na qual as disciplinas orientam sensivelmente as escolhas e as práticas dos agentes, e no interior de cada campo existe uma hierarquia social dos objetos e dos métodos. O autor critica a técnica de juízes a que a tradição científica se utiliza comumente a fim de definir as hierarquias de um campo, pois, para ele, não existem instâncias que legitimam as instâncias da legitimidade, como também não há juiz que não seja juiz e ao mesmo tempo parte interessada. E tendo em vista tal hierarquia dos campos científicos, é possível compreender o interesse de alguns pesquisadores em ciências sociais pelas

ciências da natureza, pois pretendem impor, em nome da sociologia da ciência, a definição fidedigna da forma mais legítima de ciência, qual seja a ciência da natureza.

Utilizando-se dos argumentos de Reif⁸¹, de que as motivações dos cientistas não podem ser resumidas a interesse e satisfação intrínseca, mas que o objeto de pesquisa deve ser interessante para os outros, Bourdieu salienta uma tendência dos pesquisadores para centrarem seus estudos em questões mais relevantes, aumentando com isso a concorrência e reduzindo a taxa média de lucro material ou simbólico. Nesse espaço de luta política pela dominação científica, as escolhas científicas (campo, método, publicação etc.) do pesquisador são também estratégia política de investimento objetivamente orientado para maximização do lucro científico, ou seja, o reconhecimento dos pares-concorrentes. O reconhecimento do produto do trabalho de um pesquisador, considerando um campo científico fortemente autônomo, é designado pelos seus concorrentes-produtores, que não estão propensos a reconhecê-lo senão depois de discutí-lo e examiná-lo, e este possui uma relação direta com seu valor distintivo e originalidade.

A luta pela legitimidade no campo científico depende da forma pela qual o capital específico se distribui, e nesse sentido, os dois limites teóricos, porém intangíveis, seriam o monopólio do capital de autoridade científica e a concorrência perfeita - distribuição equitativa do capital entre os concorrentes. Como o capital se distribui desigualmente pelo campo, os dominantes recorrem às estratégias de conservação, desde o estabelecimento de uma ciência oficial até o controle das instituições responsáveis pela produção e distribuição de bens científicos, enquanto que os pretendentes ou novatos se utilizam de estratégias de subversão. A propensão às estratégias de conservação ou subversão é mais dependente das disposições em relação à ordem estabelecida quanto maior for a dependência da ordem científica à ordem social dentro da qual ela está inserida, ou seja, quanto menor for a autonomia do campo.

Para enfatizar o conservadorismo francês diante dessa possibilidade dicotômica de estratégias, o autor salienta que o ambiente favorável ao acesso às responsabilidades administrativas encontrado pelos alunos das “grandes écoles” naquele país desencorajava a revolta contra a ordem científica estabelecida, e que a revolução encontraria um ambiente mais fértil em uma contracomunidade, ou seja, dentre os intelectuais marginais, e acrescenta ainda que a revolução científica não interessaria aos mais desprovidos, mas aos que são os mais ricos cientificamente entre os novatos.

⁸¹ REIF, F. The competitive world of the pure scientist, 1961, p.1957-62, *apud* BOURDIEU, 1976. Bourdieu afirma que é inútil e artificial tentar analisar separadamente os interesses intrínsecos e extrínsecos, ou ainda, distinguir o que é importante para o pesquisador em questão do que é importante para os demais pesquisadores.

Ao abordar quais seriam as condições sociais necessárias para a obtenção de um jogo social onde prevaleça a verdade, Bourdieu adentra os tipos de revoluções e seus efeitos. Ao universalizar as propriedades relativas a estados particulares, as teorias da ciência predispõem-se a preencher funções ideológicas nas lutas existentes no campo científico. Este é o caso, segundo Bourdieu, da teoria positivista, que confere à ciência a capacidade de resolução de todas as questões colocadas por ela e de imposição de consenso sobre suas soluções. Se o método científico e a censura não estão objetivados em mecanismos e em disposições, as rupturas científicas adquirem o formato de revoluções contra a instituição, ficando as revoluções contra a ordem científica estabelecida inseparáveis das revoluções contra a ordem estabelecida. Em contrapartida, quando, como resultado das revoluções originárias, há a exclusão de recursos que não são comuns ao campo, o próprio funcionamento deste passa a definir a ordem ordinária da ciência normal e também as rupturas extraordinárias⁸². Logo, quando o método está inscrito nos mecanismos do campo, este torna-se um espaço de revolução permanente, onde a ciência instituída recebe assistência de uma instituição fornecedora das condições institucionais de ruptura.

Para finalizar as discussões expostas no texto, o autor apresenta uma crítica à sociologia oficial, descrevendo a diferença entre os campos científicos e os campos de produção de discursos eruditos, que reside no grau de arbitrário social presente na crença que o funcionamento do campo produz. Os discursos eruditos têm como função perpetuar o campo idêntico a ele mesmo, produzindo a crença pela aparente independência dos seus objetos e objetivos em relação às demandas externas. Produtores desses discursos, os doxósofos, cientistas aparentes e da aparência, utilizam-se sempre da estratégia de falsa ruptura, e por isso, esse campo de discursos eruditos é falsamente autônomo. A sociologia oficial, quando mantém as aparências de ruptura com a classe dominante e sua ideologia, de objetividade e neutralidade ética, asseguraria uma posição de falsa ciência.

Embora as críticas ao pensamento de Bourdieu tenham tomado os mais diversos contornos, centraremos aqui no mérito principal desse texto e nas duas críticas principais ao autor, que em última instância, derivam do seu próprio mérito. Em “A estrutura das revoluções científicas”⁸³, Kuhn

⁸² Tais rupturas foram chamadas por Bachelard de revoluções ordenadas (BACHELARD, G. *Le matérialisme rationel*, 1953, p. 41, *apud* Bourdieu, 1976).

⁸³ Publicado em 1962, Kuhn apresenta uma proposta de análise da história da ciência, mas que pode ser entendido como uma análise sociológica da ciência. Ao que nos parece, o contato mais intensivo de Bourdieu com os estudos norte-americanos durante sua extensão docente em Harvard na década de 1970 (foi nesta instituição que Kuhn realizou seus estudos em Física e foi professor por vários anos no departamento de ciências humanas), a proximidade temporal entre os dois trabalhos, e a própria sociogênese dos empreendimentos de Bourdieu, da sociologia enquanto um esporte de combate, permitiria a realização da leitura de “*Le champ scientifique*” também como uma resposta direta à Kuhn.

afirma que seria por meio do conhecimento de um paradigma que o pesquisador tomaria conhecimento da ontologia e cosmologia, fundamental para o desenvolvimento científico. Nesse sentido, a escolha por um ou outro paradigma dependeria do consenso do que chama de comunidade científica, e é justamente criticando o termo “comunidade científica” que Bourdieu inicia seu texto, rompendo com essa ideia ao afirmar que o campo é um espaço de lutas e o seu funcionamento supõe uma forma de interesse específico. E é nesse sentido que reside o mérito principal desse trabalho: propor uma visão agonística do mundo científico, onde não há uma “comunidade científica”, como uma visão mais ingênua poderia defender, mas vários indivíduos e grupos em concorrência pela autoridade científica.

A crítica comum ao conjunto da obra de Bourdieu refere-se à concepção onipresente de assimetrias e dominação. O mundo científico, na concepção do Bourdieu, seria uma disputa constante, que resulta em uma divisão entre dominantes e dominados. Se a justiça completa – ou o sentimento de comunhão harmônica que o termo “comunidade científica” sugere –, de fato, inexistente, pressupor o extremo oposto – que a dominação está em toda parte, em todo momento e em toda ação – faz da Sociologia uma atividade quase impraticável. Bourdieu, nessa lógica, poderia ter considerado as concepções da dinâmica do mundo científico que abrissem espaço não só para as estratégias e as assimetrias, mas também para a justiça e a emancipação (BOLTANSKI, 1990). Ou ainda, dito de outra forma, o autor deveria ter evitado definições deterministas da reprodução estável e concedido o que é devido ao voluntarismo, que neste caso implicaria no reconhecimento da criatividade do habitus e na aceitação de que a cultura é um instrumento de libertação, e não apenas violência simbólica sublimada, já que uma teoria crítica não é somente aquela que desvenda a natureza arbitrária da necessidade social - dominação, mas aquela que é capaz de revelar a possibilidade do improvável – emancipação (VANDENBERGHE, 2006, 1999).

Como o presente artigo trata da produção de conhecimento, a concepção do mundo científico como um mundo exclusivamente agonístico apresenta outro problema quando essa concepção é aplicada reflexivamente. Por um lado, ao entender melhor o peso de assimetrias de recursos entre indivíduos, grupos e instituições, o cientista em posição dominada pode ter um momento de “liberação espinozista”, pois, ao conhecer os limites que pesam sobre ele, ele acaba ganhado maior grau de liberdade. Por outro lado, se toda produção científica é derivada da estratégia dos agentes, a pretensão de verdade daquilo que eles produzem seria uma grande hipocrisia. A pretensão de verdade da produção científica precisa, em algum grau, necessariamente ser assumida; senão, a própria formulação de Bourdieu perde sentido: ao ser um produto do campo da Sociologia,

o artigo “Le champs scientifique” é exclusivamente uma peça na estratégia acadêmica de Bourdieu e seu argumento não pode pretender qualquer validade⁸⁴.

Referências Bibliográficas

BOLTANSKI, Luc. Sociologie critique et sociologie de la critique. In: *Politix*. Vol. 3, N°10-11. Deuxième et troisième trimestre 1990. pp. 124-134. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

BOLTANSKI, L; CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*, Paris, Gallimard: 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. Le champ scientifique. In : *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol.2, n° 2-3, 1976 (p. 88-104).

_____. Sur le pouvoir symbolique, *Annales*, n°3, mai-juin 1977. Disponível em: <<http://www.persee.fr>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

DOMINGUES, J. M. Estruturalismo e Estruturação: Bourdieu e Giddens. In: Teorias sociológicas no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 55-70, 2001.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEMIEUX, Cyril. À quoi sert l'analyse des controverses?, Mil neuf cent. *Revue d'histoire intellectuelle*, 2007/1 n° 25, p. 191-212.

PETERS. G. Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. Dissertação (Programa de Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, 2006.

VANDENBERGHE, F. Construção e crítica na sociologia francesa. In: *Sociedade e Estado*, vol.21, n° 2. Brasília: may/aug. 2006.

_____. The real is relational: an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. *Sociological Theory*. 17, 1, p. 32-67, 1999.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. In: *Educação e Sociedade*, ano XXIII, n° 78, Abril/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

⁸⁴ Para Lemieux (2007, p. 211), a adoção de tal perspectiva pode ser encarada como um reducionismo estratégico, derivado, em última instância, de uma tomada de posição (normalmente não explicitada ou discutida) hostil do investigador com relação à pretensão de verdade da argumentação dos atores por ele estudados.